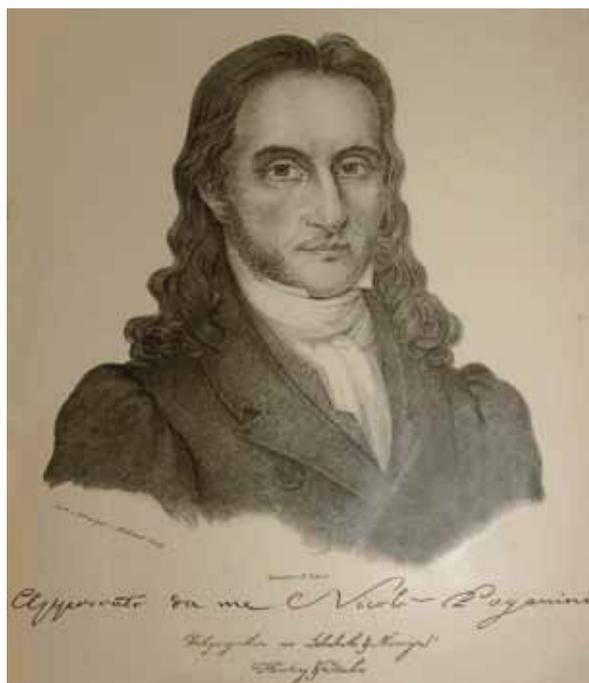


O bruxo Niccolò Paganini e a macabra história de seu cadáver

É possível que Paganini fosse o homem mais feio de seu tempo. Conforme atestam desenhos, bicos de pena, retratos e caricaturas, era magérrimo, ossudo, dotado de mãos e dedos enormes, figura enigmática, nariz adunco. Mal vestido, grenha hirsuta, faces encovadas, queixo pontudo completavam a sua sinistra aparência. Diziam, à sorrelfa, que tinha pacto com o diabo.

Todavia, a sua simples presença nos auditórios era o quanto bastava para desencadear entusiasmo tumultuoso, histérico, tamanho o seu magnetismo pessoal. Sua técnica seguríssima, estupenda, vigorosa, gigantesca nas duplas arcadas, alternadas com *pizzicati* da mão esquerda, o *staccato*, o magistral domínio da sonoridade, a maestria no improvisar, bem assim a ilimitada energia e as acrobacias inconcebíveis até então, sem a mínima possibilidade de engano, pode-se afirmar que Niccolò Paganini foi o maior violinista de todos os tempos.

Sua vida, despedaçada em orgias, trouxe-lhe a sífilis e a tuberculose. Sua macilenta aparência tornara-se mais estranha ainda. Diziam que ficava horas interminas em um sofá, mudo e silencioso,



Título: Retrato de Niccolò Paganini; autor: C. Pabst; data: c.1830; técnica: litografia; dimensões: 30,5 x 23 cm; Coleção participar

entregue a meditações modorrentas, tendo ao lado o seu precioso Stradivarius, acomodado no conveniente estojo.

De Paris, muito doente, foi removido para Gênova, sua cidade natal e depois para Nice, onde morreu. No meio da noite do seu passamento, de forma surpreendente e inesperada, Paganini tomou o violino com a mão trêmula e tocou por mais de uma hora, sem interrupção. Era o adeus ao instrumento, razão de sua existência. Seu amigo Conde de Cessole, testemunha presencial, declarou mais tarde que a vasta improvisação *in articulo mortis* foi a música mais sublime, patética e impressionante de toda a sua existência. Expirou em 27 de maio de 1840.

A sequência macabra e hedionda que se vai ler parece egressa de filme de terror surrealista, mas não é. Foram episódios verdadeiros e não frutos de mentes delirantes e alucinadas. Extraiu-se da preciosa separata de José da Veiga Oliveira, *O estranho fim de Paganini*, imortal da Academia Paulista de História, publicado, algures, possivelmente no ano de 1995.

“Dias após a sua morte foi o corpo embalsamado e revestido de sobrecasaca. Um comerciante de objetos usados apresentou-se ao Conde de Cessole para oferecer a respeitável soma de 30.000 francos caso pudesse exibir o corpo de Paganini na Inglaterra...”

“Entrementes, as autoridades eclesiásticas insurgiram-se contra o sepultamento em cemitérios, então administrados pelo clero, sob o fundamento de que Paganini não morreria cristãmente, confortado pelos sacramentos da absolvição plenária e da extrema-unção. Ao contrário, foi um pagão, réprobo e cínico, que sempre timbrou por levar vida notoriamente ímpia, dissoluta. Recusado o solene benefício da campa, o féretro foi removido para o velório de um leprosário, o Lazaretto Villefranche, onde permaneciam de quarentena todos os que chegavam por mar.”

“Os restos mortais do compositor lá permaneceram durante um mês. Tamanhos foram os protestos ante o odor nauseabundo de putrefação que se tornou necessária outra remoção, sendo o corpo sepultado em terreno adjacente ao leprosário. Não tardaram outras queixas. E, então, o Conde de Cessole interveio e o novo enterro deu-se na calada da noite, ao pé de uma torre circular sarracena, propriedade de um amigo do Conde, próximo a um córrego fétido, que recebia a escória da fábrica de azeite.”

“Um ano mais tarde, um filho ilegítimo do compositor com a bailarina Antonia Bianchi, Barão Achille Cyrus Alexander Paganini, decidiu remover o corpo do pai para Gênova, mas foi impedido por um surto de cólera em Marselha, quando ia ser embarcado. Assim, o projeto ficou sem efeito. Foi então enterrado na Ilha de St. Ferréol, numa vala que passou a denominar-se Fossa Paganini...”

“Em 1844, a Duquesa de Parma, Marie Louise, viúva de Napoleão Bonaparte, permitiu a colocação

do féretro em seus domínios. Como o sepultamento cristão fosse mais uma vez ser recusado, o caixão seguiu, em primeiro lugar, para Villa Polevra, propriedade de Paganini e, depois, para Villa Gajona, pertencente ao Barão Achillino.”

“Em 1876, graças à diplomacia do Barão Achillino, a Igreja permitiu celebração de ofício fúnebre *in memoriam* do compositor, na Igreja Madonna della Steccata da Ordem dos Cavaleiros de São Jorge, à qual Paganini pertenceu.”

“Mas, nem aí parou a macabra história. Em 1893 o violinista tcheco Odriczék convenceu o Barão Achillino a mandar abrir o esquife, a fim de que pudesse ver o corpo. Com que fim é o caso de indagar...”

“Finalmente, em 1896, sob alega e suposta ‘necessidade urgente’, mais uma vez as autoridades determinaram a abertura do caixão. Verificou-se que, apesar do pavoroso estado de decomposição cada-vérica, os traços de Paganini ainda eram reconhecíveis. Entretanto, a casaca estava em frangalhos. As partes inferiores do corpo eram feixe disforme de ossos.”

Hoje em dia, seus restos mortais estão no Túmulo de Paganini, em La Villetta, imponente cemitério em Parma, Itália.

Em vida, teve existência tumultuada, repleta de eventos fantásticos, o que se estendeu para além de sua morte. Niccolò Paganini, permanece no imaginário das pessoas, não somente pelos paradigmáticos *24 caprichos para violino solo*, um dos pilares da técnica do instrumento, mas também pela aura enigmática, que o envolve em mistérios, até hoje.

Guido Arturo Palomba, Psiquiatra Forense
São Paulo/SP